

ERRANTES URBANOS

Experiência com collage urbana na Paraíba

URBAN WANDERERS

Experience with urban collage in Paraíba

**Marcela Dimenstein¹, Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti²,
Kainã Carlos da Silva³, Maria Eloayne Silva de Oliveira⁴, Ana
Carolina Rodrigues Andrade⁵, Aline Chaves da Nóbrega⁶,
Jamille Borel Linhares⁷ e Gabrielle Nascimento Custódio⁸**

Resumo

A cidade contemporânea, ao mesmo tempo em que promove a homogeneização e o empobrecimento da experiência urbana e dos encontros sociais, também é palco de experiências desviantes, favorecendo a vivência da alteridade e da errância na cidade. Este trabalho objetiva apresentar as experiências de experimentação do espaço urbano de estudantes de arquitetura e urbanismo, sistematizadas em 09 poemas e 09 collages urbanas autorais. Tais ferramentas se mostraram potentes na experimentação do espaço, auxiliam nas formas de representar sentimentos e sensações vividas no espaço urbano, além de aprofundar, por meio de uma produção artística, noções de pertencimento ao lugar e valorização da cultura local.

Palavras-chave: errantes, collage, experiência, poesia.

Abstract

The contemporary city, while promoting the homogenization and impoverishment of the urban experience and social encounters, is also the stage for deviant experiences, favoring the experience of alterity and wandering in the city. This work aims to present the experimentation experiences of the urban space of students of architecture and urbanism, systematized in 09 poems and 09 authorial urban collages. Such tools proved to be powerful in experimenting with space, helping to represent feelings and sensations experienced in the urban space, in addition to deepening, through artistic production, notions of belonging to the place and valuing the local culture.

Keywords: wandering, collage, experience, poetry.

1 Doutora em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFRN/2021), Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPB/2014) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPB/2011). Professora assistente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa e do Centro Universitário UNIESP.

2 Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPB/2015) e Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura (UFPB/2011). Professor assistente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário UNIESP.

3 Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa e bolsista da pesquisa Urbanismo errante e experiências da alteridade na cidade contemporânea.

4 Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo do UNIESP Centro Universitário.

5 Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa.

6 Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa.

7 Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo do UNIESP Centro Universitário.

8 Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa.

Introdução

Este artigo se propõe a apresentar os resultados de uma experiência pedagógica e metodológica derivada de um projeto de pesquisa intitulado *Urbanismo errante e experiências da alteridade na cidade contemporânea*, coordenado e desenvolvido pela professora autora deste artigo e seu grupo de pesquisa. Este projeto de pesquisa formaliza um estudo interinstitucional em desenvolvimento desde agosto de 2016 composto atualmente por 13 participantes: 01 professora, 03 estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário UNIESP e 09 estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ).

Partimos do entendimento de que a cidade contemporânea, ao mesmo tempo em que promove a homogeneização e o empobrecimento da experiência urbana e dos encontros sociais, também é palco de experiências desviantes, favorecendo a vivência da alteridade e da errância na cidade (JACQUES, 2012). Nesta perspectiva, o referido projeto de pesquisa tem como objetivo principal identificar práticas de errâncias urbanas, experiências de sujeitos e de grupos que usam e experimentam as cidades de forma contra hegemônica, fazendo das ruas, calçadas e praças, locais de visibilidade e de afirmação da diferença. Além disso, busca-se formular novas maneiras de interpretar essas experiências e representar tais sujeitos no espaço a partir de sentimentos, pertencimentos e representações culturais.

O grupo de pesquisa tem como base a cidade de João Pessoa (PB), onde se localizam os dois Centros Universitários acima indicados. Contudo, é comum que vários estudantes de outros municípios busquem a capital paraibana para a realização de seus estudos. Esse é o caso de alguns dos nossos participantes que realizam trajetos diários de até 70 km a partir das suas cidades de origem como Mari (PB) e Itabaiana (PB). Portanto, os resultados aqui apresentados aportarão contribuições não só das errâncias urbanas na cidade de João Pessoa, mas também de outras duas cidades que estão localizadas na região da Zona da Mata e do Agreste Paraibano.

Em se tratando de um espaço que propõe uma reflexão sobre a formação e a produção do conhecimento no campo da Arquitetura e Urbanismo, os *Errantes Urbanos*⁹, ao longo da sua existência, tem experimentado novas práticas pedagógicas que possam contribuir para a formação e atuação profissional na área, estimulando perspectivas mais críticas e socialmente comprometidas. A proposta apresentada para o grupo entre os semestres de 2022.2 e 2023.1 partiu de uma problemática decisiva na atualidade, a qual diz respeito à experiência da alteridade na cidade. Além de se afirmar como uma forma de resistência e de crítica à ideia de empobrecimento da ação urbana e da perda da corporeidade nos espaços públicos, as discussões relacionadas à temática, seja no interior do grupo de pesquisa, seja em nível acadêmico de forma geral, vêm adquirindo maior relevância uma vez que valorizam o homem ordinário, figura que nas palavras de Certeau (1990), é aquela que caminha pela cidade, que a vivencia, se atém aos seus caminhos, se confunde e se perde. Ao experimentar a cidade, se permite sentir seus ritmos, seus entornos, e assim, tem a oportunidade de descobri-la e criando novas conexões com ela.

O tema da experiência urbana é amplo e abarca diversas áreas do conhecimento. Aqui foi abordado por uma visão arquitetônico-urbanística, levando em consideração que o campo da Arquitetura e Urbanismo é abrangente e inclui, não apenas projetos urbanísticos e construções físicas concretas, mas, também, abrange a forma como a cidade é percebida, como ela é sentida e vivenciada. Em razão desta complexidade, é

⁹ A produção da pesquisa está disponível na página do Instagram: @errantes_urbanos

um campo de saber que faz interface com outras áreas como a sociologia, a geografia, a psicologia ambiental, a antropologia, e que usa, estrategicamente, recursos metodológicos como a fotografia, os desenhos e a *collage* urbana, pois considera que são ferramentas que contribuem de forma significativa para uma aproximação mais consistente a esse leque de problemáticas associadas à cidade.

A cidade é um mosaico dinâmico e complexo de pessoas, experiências, espaços e atividades que conformam infinitas configurações e cujas fronteiras são fluídas, porosas, flexíveis, o que significa que não há uma coisa apropriada para cada espaço, nem um espaço apropriado para cada coisa. A mistura e a diversidade estão em toda parte e são inevitáveis na vida urbana (SANTOS, 1985, p.128). Assim, a crítica ao processo atual de mercantilização e de espetacularização urbana se tornou recorrente no meio acadêmico diante das fortes investidas de padronização das cidades em nível global, da forma com que vêm sendo apropriadas pelo capital financeiro, tornando-se cidades-mercadorias, e de como se apresentam no cotidiano da vida contemporânea associadas ao esgotamento e à saturação das pessoas (SCOCUGLIA, 2010). Mundialmente, está cada vez mais evidente os efeitos do padrão neoliberal de planejamento urbano que busca eliminar a complexidade, os dissensos, conflitos e esconder tensões, criando espaços esterilizados, domesticados, empobrecidos de experiências e diversidade. Este posicionamento parte da ideologia de “minimização do Estado enquanto fortalece partes selecionadas de sua ação, que geram consequências importantes para as relações Estado-espaço-sociedade” impactando diretamente na produção do espaço (MAGALHÃES, 2016, p. 58).

João Pessoa, assim como outras cidades de menor porte, não foge à regra e muitos dos problemas encontrados em metrópoles mais desenvolvidas, já são percebidos tanto na capital, quanto em municípios no interior do estado. Logo, a experiência que aqui relatamos tem o intuito não só de contribuir e ampliar a discussão sobre cidade e alteridade, mas, especialmente, sobre o processo de formação do arquiteto e urbanista diante deste cenário de esvaziamento da experiência da alteridade na cidade contemporânea. Pretende, assim, estimular algumas ações acadêmicas de aproximação do aluno com a cidade, de sensibilização e de atenção para aspectos até então invisíveis, enfim, despertar diferentes pontos de vista acerca de cenários e paisagens cotidianas, tal como indicado por Fiorin (2022).

Metodologia

Este trabalho propõe apresentar os resultados de uma aproximação exploratória da experiência urbana realizada por estudantes de arquitetura e urbanismo na cidade em que vivem, como é o caso de João Pessoa, Itabaiana e Mari. Está associado ao projeto de pesquisa *Urbanismo errante e experiências da alteridade na cidade contemporânea* nos últimos dois semestres letivos (2022.2 e 2023.1).

O desenvolvimento de habilidades investigativas é parte fundamental da participação em um projeto de pesquisa institucional, bem como a produção de conhecimento crítico. Ademais, em meio ao cenário contemporâneo marcado pelo empobrecimento das experiências urbanas, tanto em cidades de maior porte quanto em cidades menores, é imprescindível que os futuros profissionais busquem formas mais próximas e sensíveis de sentir a cidade.

Por se tratar de um estudo exploratório de abordagem qualitativa, não houve preocupação de abarcar todos os espaços da cidade, nem obter números estatisticamente significativos em termos de delineamento e representatividade amostral. Nosso interesse foi o de estimular entre os estudantes integrantes da pesquisa o desenvolvimento de um novo

olhar sobre o seu entorno, a partir da errância urbana, do caminhar pela cidade sem destino fixo, mas atento ao que está ao redor, visando captar elementos do espaço e apreender o cotidiano em seus movimentos e pulsações.

Como estratégia metodológica, adotamos um conjunto de técnicas que se iniciaram com reuniões coletivas para debate da bibliografia sobre o tema e a definição de categorias conceituais para orientar as análises. Posteriormente, estabelecemos que a atividade aconteceria individualmente devido as diferenças de rotina, horários de trabalho e distâncias percorridas entre os membros da pesquisa. Uma vez que todos já estavam cientes da proposta de atividade, ao longo de uma semana, todos deveriam realizar a errância partindo de algum ponto dos seus trajetos diários na cidade. Para alguns, este trajeto foi representado pelo trajeto casa-trabalho, para outros o trajeto faculdade-casa ou feira-casa, dentre outros. Portanto, a errância foi permeada por diversos meios de locomoção, tendo momentos realizados a pé, de ônibus e de bicicleta.

Foi pedido que os participantes observassem e refletissem sobre a realidade que viviam, ao mesmo tempo que fotografassem os elementos que lhes chamassem atenção no espaço. Após a realização da errância, as percepções dos lugares deveriam ser registradas através de um poema, de qualquer tamanho e de livre temática. Logo depois essa etapa, nos reunimos mais uma vez para que as experiências fossem compartilhadas com os presentes. Nessa ocasião, as principais ideias e sentimentos experienciados que foram sistematizados através dos poemas e das fotografias funcionaram como forma de externar a vivência coletivamente.

Em mãos das diversas fotografias apresentadas e do poema autoral, foi pedido que os participantes se utilizassem do software Adobe Illustrator para criarem as suas *collages urbana*. Segundo Cohen (1989, p. 60), *collages* são representações feitas com a superposição de imagens ou materiais diversos, agrupados com uma intenção subjetiva da realidade ou da ficção. Essas composições podem ser feitas digitalmente ou fisicamente, possuem o benefício da dispensabilidade de técnicas artísticas e da facilidade de criação. Para Forneck et al (2018), são uma excelente alternativa para representar as experiências urbanas, uma vez que se pode expressar os sentimentos e variados aspectos vivenciados na pesquisa. Fuão (2011) entende a *collage* como uma criação a partir de uma composição de elementos já conhecidos. É uma forma de expressão que acontece em etapas, se aproximando de uma aventura amorosa.

Apresentaremos ao longo deste artigo, 09 poemas e 09 *collages* urbanas que retratam as experiências urbanas dos participantes da pesquisa na cidade de João Pessoa, Itabaiana e Mari. Os resultados versam sobre transformações urbanas, saudades do passado, sensações de medo e alívio na cidade, poluição visual, reconhecimento pessoal, valorização cultural, dentre outros temas.

As bases teóricas que orientam a experiência

Importantes teóricos do final do século XIX e meados do século XX trataram do assunto, trazendo contribuições fundamentais para a compreensão da cidade contemporânea. Walter Benjamin em *Experiência e Pobreza* de 1933 (2012) é um dos que trata intensamente da experiência da modernidade. Ele se encanta pela obra de Charles Baudelaire e pela recriação da figura mítica do *flâneur*. Em meio à cidade de Paris do final do século XIX, esse personagem ambíguo é fruto da modernidade e da grande cidade. Através dele o autor faz uma crítica contundente à efetivação prática das grandes reformas urbanas, à abertura de grandes avenidas, à eliminação da cidade antiga, ao ordenamento e controle impostos no espaço, à expulsão de habitantes, à imposição de costumes, ao aumento da velocidade e ao empobrecimento da relação

corpo e cidade, etc.

Ainda sobre as consequências do desenvolvimento acelerado das cidades, Gordon Cullen em seu importante trabalho *Paisagem Urbana*, de 1961, afirma que desde a 2ª Guerra Mundial, as cidades passam por mudanças constantes, o que impacta diretamente na forma como a população processa seu crescimento e transformações. O autor entende que este é um processo inevitável, que não deve ser interrompido, o que acaba se configurando como umas das causas do crescente desinteresse pela imagem da cidade. Aponta que a falta de preocupação com a paisagem urbana se dá pela ideia generalizada do planejamento como algo “insípido, técnico e inacessível”, distante das reais necessidades cotidianas.

Cullen (1983) destaca os efeitos dos diversos arranjos construídos que compõem a paisagem urbana. Defende a importância de ambientes adequados à escala do ser humano, que gerem interesse visual a fim de que a população se aproprie dos espaços públicos. Isso os tornariam mais vivos e humanos, e conseqüentemente, melhoraria a qualidade de vida nas cidades, o senso de pertencimento e identidade com o habitat. O autor faz uma crítica à forma da produção dos espaços urbanos contemporâneos, de cunho tecnocrático, preocupada em primeiro lugar com as questões funcionais e econômicas.

Em *Arquitetura da Felicidade*, Alain de Botton (2007) disserta sobre a cidade contemporânea ideal e sobre os desejos inconscientes da sociedade por ordem, equilíbrio, elegância, coerência e autoconhecimento. Afirma que temos a obrigação moral de construímos e nos certificarmos de que o que foi construído não seja inferior à terra virgem que substituiu.

É no mesmo sentido que Colin Rowe e Fred Koetter (1984) fazem uma crítica à compreensão do espaço introduzido pela arquitetura moderna. Em *Collage City*, discorrem sobre as virtudes da cidade tradicional, densa e continuamente edificada, em contraposição à cidade dispersa, pregada por arquitetos do século XX e vagamente postas em prática pelas legislações, códigos urbanos e planos diretores. Os autores usam o artifício da figura-fundo para fazer uma crítica às propostas do urbanismo moderno e são uns dos primeiros a usar a *collage* como forma de pensar a cidade.

Finalmente, o Urbanismo Unitário, idealizado pelos membros da Internacional Situacionista, contrapõe-se às abordagens correntes no segundo pós-guerra, que propunham novos planos, proposições de novos objetos urbanos, ou a crítica às cidades existentes, ao propor um método, a deriva, que criaria, a partir do existente, um novo todo vivido, um “espaço inteiro para a arte de viver” (GONÇALVES, 2017, p. 520). A deriva, por sua vez, vê a cidade como o terreno de um jogo de apreensões e experiências efêmeras. Essas experiências podem ser registradas de formas diversas, mas dada a natureza fragmentada das cidades existentes, a colagem se torna uma possibilidade válida.

A técnica, muito utilizada na arte de formas diversas ao longo da história, reaparece hoje oferecendo inúmeras possibilidades de criação e representação da realidade. Sob a lógica de juntar partes para gerar um todo, a colagem teve diversas iterações, na pintura, escultura, artes gráficas e cinema, com diferentes propósitos. Manfredo Tafuri (1972), identifica em uma pintura de El Greco do século XVII uma manifestação pioneira da colagem de forma consciente, onde o artista sobrepõe uma paisagem da cidade de Toledo com um fragmento de uma construção, que na realidade não seria vista daquela maneira. A colagem, nesse sentido, cria uma hiper-realidade, na qual a junção de fragmentos se somam para uma percepção mais completa do que a própria realidade. Mas é no século XX, quando o debate acerca da montagem enquanto *modus*

operandi do cinema estava em pleno vapor, que a *collage* ganha maior destaque no campo das artes visuais. Os dadaístas são os que se apropriam da técnica com mais afinco, mobilizando-a como forma de criar novos (ou nenhum) sentido através do choque entre imagens. Aqui a colagem toma um viés crítico, ao buscar despertar pensamento crítico pelo conflito de imagens que, em condições normais, não estariam juntas.

As cidades contemporâneas, em toda sua contradição, são campo ideal para a representação e expressão através da *collage*. Uma vez que são resultado de complexas relações sociais, interferências na paisagem natural, mudanças na forma de se construir e acúmulos de decisões políticas e de planejamento. Uma cidade pode ser analisada sob diversas óticas, dentre elas as relações de poderes, seus precedentes naturais, suas camadas históricas, dentre outras tantas possibilidades. Porém, as discussões sobre as políticas e os projetos urbanos contemporâneos visam, sobretudo, construir uma imagem de cidade suficientemente homogênea e pacificada tencionando atrair capital mercantil. As imagens criadas dessas cidades acabam se tornando cada vez mais parecidas, uma vez que elas precisam seguir um modelo internacional extremamente homogeneizador, imposto pelos seus financiadores multinacionais (JACQUES, 2004). Grandes cadeias de fast food, shoppings centers, condomínios fechados, dentre outros, têm sido bastante criticados por diversos autores das mais variadas áreas do conhecimento e são considerados disseminadores da cultura individualista, especulação imobiliária, violência e destruição ambiental.

Autores como Jacques (2004), Bauman (2009), Caldeira (2010), afirmam que esses modelos acabam criando uma paisagem nas cidades completamente dominada por grandes distâncias, dependência do automóvel e megaempreendimentos, evidenciando como a escala do homem e do pedestre estão sendo perdidas e como o espaço público não vem sendo resguardado enquanto lugar de encontros e de interação entre os indivíduos. As cidades aqui estudadas, como João Pessoa, estão inseridas nesse contexto. Ela tem se tornado cada vez mais valorizada na mídia nacional e internacional, que tem investido em aspectos como a segurança e tranquilidade existente na cidade, seus espaços públicos e a oferta formas de morar e de lazer mais coletivas. Dessa maneira, é uma das cidades brasileiras que já foi capturada pela lógica mercadológica adotada pelas grandes empresas que fomentam a criação de espaços como shoppings e condomínios fechados.

É nessa cidade-espetáculo, cidade-mercadoria, cidade-vitrine (FERNANDES; FERNANDES, 2020) denominações que indicam processos de ordenamento urbano associado ao capital financeiro, onde o processo homogeneizador se torna avassalador. Busca-se esconder tensões, dissensos e a experiência de alteridade nas cidades. Contudo, no cenário da vida cotidiana, o espaço também vira lugar de contestação, de crítica e de enfrentamentos por parte de atores sociais que ganham visibilidade e se constituem como símbolo de resistência à homogeneização e à padronização da cidade contemporânea. Estamos nos referindo aos praticantes ordinários das cidades, inspirados nas palavras de Michel de Certeau (1990).

Para o autor, esses praticantes, caminhantes, homem ordinários, organizam e atualizam um conjunto de possibilidades e proibições do espaço, pois as idas e vindas, as variações ou improvisações da caminhada, privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais existentes, desacordando e interrompendo processos esperados e programados do cotidiano. Tais evidências têm gerado investigações em várias áreas científicas a respeito das diversas interfaces dos processos de resistências urbanas e das relações entre o urbanismo e o corpo, abrindo possibilidades para novas pesquisas, fazendo do próprio urbanista e do próprio cidadão os maiores críticos do espetáculo urbano.

Paola Berenstein Jacques (2010, p. 110) fala a respeito de micro resistências urbanas que são inerentes a todo o processo espetacularizador e mundializador dos espaços urbanos. São elementos de crítica, uma vez que tencionam e problematizam por dentro do próprio processo - em escala micro – através da infiltração ou de pequenos desvios. Segundo a autora, as possibilidades de micros resistências urbanas podem ser encontradas no cotidiano da cidade, em particular na experiência espontânea, nos usos conflituosos e não consensuais que contrariam os usos planejados. Os temas ligados à corporeidade no espaço e às experiências urbanas da alteridade, de grupos minoritários, por exemplo, vêm chamando muita atenção.

Diante da complexidade dos processos urbanos atuais e dos modos de vida nas cidades, diversos profissionais das mais variadas áreas do conhecimento (dança, história, antropologia, arquitetura, urbanismo, sociologia, geografia, psicologia, etc.) buscam novas formas de apreendê-la através de diferentes olhares e sentidos. Jacques (2006, p. 118) chama de urbanista errante aquele que se preocupa mais com as ações e percursos do que propriamente com as representações gráficas, projeções e planificações.

Forneck et al (2018) corroboram com essa perspectiva e apontam que muito do que é estudado parte de uma visão bidimensional, seja com plantas ou com mapas. Tais instrumentos falham em captar as manifestações culturais, a rotina, as experiências sensoriais e tantas outras sensações urbanas. Esses sentimentos são essenciais em estudos urbanos, pois abordam vários problemas como lugares públicos vazios, destruição dos hábitos locais, favorecendo a sensação de pertencimento. Logo, entender tais aspectos é parte crucial do planejamento cidadão. Segundo os autores,

As pesquisas no campo da Arquitetura e Urbanismo enfrentam muitos desafios ao tentar “representar a realidade” no intuito de interpretar, planejar ou intervir em contextos urbanos. O processo de captura envolve inúmeros fatores, uma vez que a cidade é constituída tanto de elementos técnicos (físicos) como relacionais (humanos) (p. 1).

Nessa direção, a presente pesquisa se propôs a fazer uma experimentação por meio da criação de *collages* urbanas. Considera-se que essa postura de apreensão e compreensão podem nos aproximar da cidade, uma vez que ela está carregada de crítica aos métodos tradicionais da disciplina. Ou seja, a errância urbana pode ser um instrumento de aproximação do sujeito com a cidade.

À vista disso, apresentaremos os resultados das errâncias urbanas realizadas pelos participantes desta pesquisa. Foram produzidas 09 *collages* e 09 poemas que trazem fragmentos que compõem suas vivências cotidianas, estas que discorrem sobre suas perspectivas sobre a paisagem contemporânea e realizam críticas a respeito do processo de produção das cidades, sejam aquelas de maior porte como João Pessoa, sejam as menores como Itabaiana e Mari.

Resultados

João Pessoa (PB)

Como qualquer cidade contemporânea, João Pessoa é também um acúmulo de camadas históricas, de construções e de decisões de planejamento. Estas diversas formas de produção de espaço urbano dotam a cidade de regiões distintas, cada uma apresentando diferentes qualidades espaciais. Levando-se em conta os aspectos ambientais, históricos, urbanísticos e arquitetônicos, acredita-se que cada uma das

áreas da cidade é detentora de uma paisagem urbana única, e que o usuário é, em cada um destes espaços, afetado de uma maneira particular.

Fundada em 1585 e com lento crescimento até o início do século XX, a cidade se concentrou, na maior parte de sua história, na área central limitada à leste e oeste pela antiga Lagoa dos Irerês (hoje parte do Parque Solon de Lucena) e o Rio Sanhauá, com pequenas áreas de possível expansão à norte e sul. É somente no século XX, e especialmente a partir da década de 1930, com a abertura da Avenida Epitácio Pessoa, que a cidade de João Pessoa se expande, incorporando as áreas litorâneas ao leste e mais recentemente a chamada Zona Sul. Este processo histórico dota a cidade de regiões com distintas formações. Enquanto os bairros centrais tradicionais incorporam um tipo de ocupação urbana densa e contínua, os bairros mais recentes apropriam-se de uma abordagem de planejamento urbano que criam uma ocupação mais esparsa.

João Pessoa é hoje canteiro de uma série de obras de infraestrutura viária como os trevos de Mangabeira e Geisel, o novo viaduto sobre o Rio Jaguaribe e as vias perimetrais do novo Parque da Cidade. Obras que se alinham à lógica funcionalista e que relegam os aspectos da imagem da cidade a um segundo plano, numa expectativa de que a beleza surja a partir da contribuição dos espaços para um ‘bom funcionamento’ da cidade, como vista por um viés rodoviarista.

Em meio a esse cenário de transformações aceleradas, algumas situações experimentadas pelos errantes dessa pesquisa ganharam destaque em suas aproximações com a cidade. O primeiro caso aqui apresentado trata do incômodo causado pela poluição visual nas ruas. Segundo Gomes e Medeiros (2019, p. 2), “na maioria das vezes a poluição visual acontece de maneira gradativa, fazendo com que a população se acostume com a desarmonia visual”. Contudo, à medida em que se expande, a estética resultante, segundo Aiello (2007), pode se tornar um elemento de depreciação da paisagem afetando diretamente a saúde da população, gerando uma nova doença moderna denominada como “estresse perceptual”.

Os efeitos desse fenômeno foram retratados no poema intitulado “Delírios” e na *collage* urbana resultante (figura 01). Neles, podemos identificar diversos dos elementos que causam na errante uma sensação de desconfiança e desconforto em sua experiência cotidiana. Essas sensações ecoam o discurso de Simmel (1967) sobre a dormência da consciência diante do hiper estímulo da modernidade. No plano de fundo, uma composição gráfica de linhas pretas e brancas amorfas são reminiscências dos experimentos dadaístas no “Cinema Anêmico”, de Marcel Duchamp em 1926, que representavam as ansiedades e incertezas da vida moderna. Confundindo-se com este fundo, espiralam figuras de cartazes de tarólogos e agiotas, comumente afixadas como lambe-lambes em postes, que são representativas dos serviços informais e configuram uma imagem onipresente na paisagem das cidades brasileiras.

Sobre este fundo, sobrepõe-se uma fotografia de uma rua na qual podem ser observadas diversas formas de comunicação. Existem as oficiais, que partem do Município, através das placas de trânsito e identificadores dos logradouros, mas também aquelas que são sancionadas pelo poder público, como as concepções publicitárias nas esquinas, demonstrando o aval e incentivo dado pela gestão em se ocupar o espaço público com comunicação de interesse mercadológico, muitas vezes interferindo na fluidez da circulação do pedestre. Há, por fim, a comunicação privada, vista nas bandeirolas, faixas e placas em grande escala que representam o triunfo de uma interpretação deturpada do discurso de Venturi, Brown e Izenour (2003) acerca do dever de comunicação da arquitetura. Aqui, vemos fachadas cegas, muros sem transparência e intransponíveis, característicos da cidade contemporânea hiper vigilante, na qual a arquitetura perde a capacidade de se comunicar com o público, levando esse dever à



Figura 1 - Collage urbana "delírios" com tema da poluição visual. Fonte: A pesquisa, 2022.

uma modalidade de publicidade produzida para a escala e velocidade do automóvel. Daí surge a interpretação da errante sobre a paisagem, que ao sentir-se desconhecida no processo de construção da paisagem, revela os "sorrisos e enganação" à que se refere no poema e que completam a *collage*.

Delírios

Ando pelas ruas Tento ir devagar e apreciar a paisagem Mas vejo anúncios e cartazes Tento mudar a direção da visão Mas cada a tentativa Vejo sorrisos e enganação

Errante_Gabrielle Nascimento (Fig.1)

Em outro caso, um ponto de destaque nas experiências errantes por João Pessoa foi o desconforto térmico, climático e paisagístico nas ruas da cidade, marcadas pela falta de sombra, arborização e forte insolação em meio a uma paisagem árida. Gomes et al (2019, p. 2) afirmam que "a escassez de cobertura vegetal é um dos fatores mais relevantes para o aumento da temperatura superficial e o desconforto térmico da população". Os autores reforçam que o processo acelerado de verticalização e de expansão da cidade, aliado a uma falta de fiscalização efetiva sob as áreas de preservação e de concentração arbórea têm lhe causado diversos problemas ambientais com grandes impactos no nível de conforto térmico dos seus habitantes. Assim, o poema "Arrasta

Arrasta" e a sua *collage* urbana (figura 2) criam uma sensação de miragem.

A errante identifica, não só em sua experiência individual, mas no comportamento coletivo diante do espaço da cidade, uma desconexão com ela. Esse comportamento é uma resposta dos transeuntes ao ambiente que não só carece de cobertura vegetal, como também de qualidades morfológicas acolhedoras. Allan Jacobs (1995), descreve as características de uma boa rua, como dimensões adequadas, conforto climático, espaços definidos, além de atração, transparência e complementaridade na arquitetura, critérios que definem uma boa legibilidade e fruição do espaço em seus aspectos práticos e simbólicos. Uma paisagem que falha em se engajar positivamente com as pessoas que a povoam, acaba por aliená-las, processo que está representado na *collage* pelo aspecto esfumado da imagem de fundo.

A imagem demonstra, por um lado, essa a cidade construída, intolerante e pouco engajante, através da sobreposição de elementos que tornam conturbada a experiência do espaço, como os carros, a fiação elétrica aérea e os arranha-céus, todos esses elementos apresentam-se de ponta-cabeça, ilustrando a inversão dos valores; por outro lado, ainda que timidamente, constatada a resignação posta pelo poema, um desejo de mudança e resistência, aparentes na imagem de um broto de vegetação que desponta em meio a infraestrutura.

Arrasta Arrasta

Arrasta a vista
 Arrasta o passo veloz
 Qualquer sombra é oásis no deserto urbano
 Almas olhando pra baixo
 Almas de passo apertado
 De vista ofuscada, só se olha pra onde se quer chegar
 Só se pensa no que se olha
 Se não vejo árvore, não vejo água ou sombra, só resta ver o concreto
 Concreto e rastro de planta
 O ar quente e a poeira
 Que me queima
 Que me aperta o passo
 Que me tira o foco do caminho
 Que me afasta do processo de aproveitar
 Arrastando-me de volta ao desejo da chegada
 Da sombra
 De um refresco
 Arrasto de volta o olhar para baixo: para o concreto, para o nada.

Errante_Jamile Borel (Fig.2)

Já a terceira experiência aqui apresentada traz uma visão pouco usual da utilização do transporte coletivo como meio de locomoção na cidade. Sendo comum ouvir queixas e reclamações sobre o uso do ônibus urbano, principalmente, relacionadas aos atrasos, calor, falta de espaço, assédios, desconforto, dentre outros problemas, a errante em seu poema e *collage* retrata o transporte coletivo como um aliado que lhe passa a sensação de independência e de paz por ser o único momento em que pode parar para descansar.

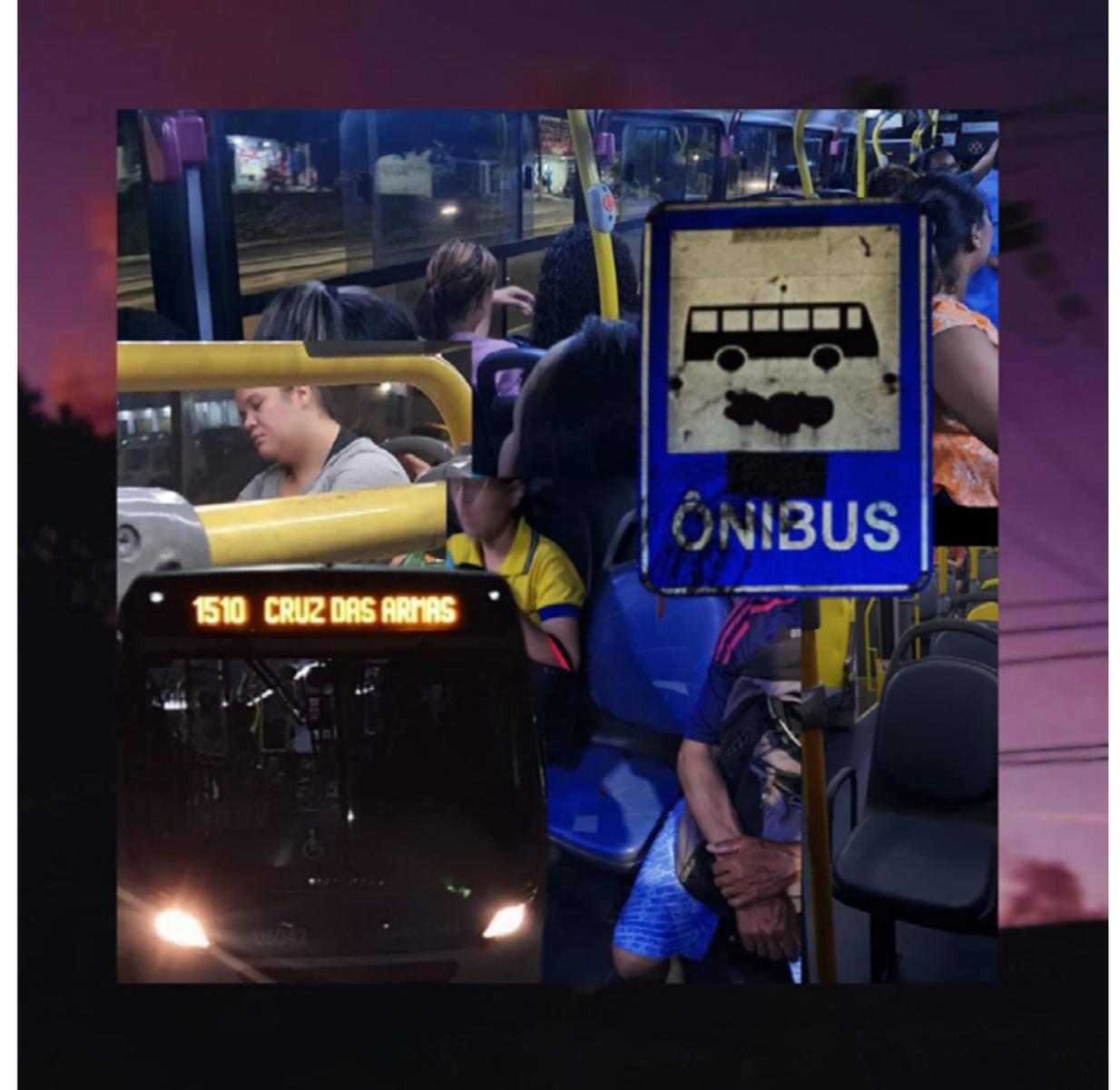
O poema demonstra o conflito da errante entre perceber as vantagens de um sistema de transporte coletivo para bem estar, mas de constatar, simultaneamente, que essa potencialidade não se realiza em sua plenitude no caso de grande parte das cidades



Figura 2 - Collage urbana "Arrasta Arrasta" com tema do desconforto da paisagem na cidade. Fonte: A pesquisa, 2023.

brasileiras. É pouco usual uma vez que compreender o transporte coletivo enquanto ferramenta de autonomia e liberdade vai na contramão do discurso dominante em um modelo rodoviário de desenvolvimento, no qual grande parte dos investimentos de infraestrutura não priorizam modais coletivos e alternativos, mas privilegiam o transporte individual, através de obras de alargamento, viadutos e entroncamentos rodoviários. Tudo isso enquanto as ferramentas de comunicação em massa consolidam uma visão de independência na qual o carro é lido como símbolo de independência e de status social.

O conflito se estabelece, também de forma visual, através da *collage*, na qual podemos observar em primeiro plano alguns dos fatores normalmente associados aos aspectos negativos da experiência do usuário do transporte coletivo, seja o estado dilapidado da comunicação, a superlotação ou os espaços reduzidos dos assentos. Esses aspectos, entretanto, se sobrepõem a um poético pano de fundo de um entardecer no qual o céu assume uma coloração fúxia. Podemos ler a sobreposição de imagens como uma forma de expressar que através dos inconvenientes, ainda há espaço para se vislumbrar um horizonte contemplativo, na percepção de que, ao não ser responsável por guiar um meio de transporte individual, a errante pode perder-se em pensamentos enquanto experiencia os estímulos externos.



Ele é meu aliado

Liberdade e aprisionamento
 Palavras perfeitas para falar do transporte coletivo
 Direito de ir e vir
 Como é bom não depender de ninguém...
 Descobrir novos caminhos, novos lugares
 E se eu errar o ônibus e parar em outro lugar?
 Confia que vai dar certo
 É o único lugar que tenho paz
 É o único lugar que tenho para parar...
 Encontrar uma cadeira vazia é poder descansar
 Sei que não é uma visão comum
 Sentir calor é um saco, ter que dividir banco é um saco
 Mas para mim, o transporte coletivo é um aliado.

Errante_Carol Rodrigues (Fig.3)

A última experiência na cidade de João Pessoa trata de uma ligação afetiva da errante com a tradicional feira do bairro de Jaguaribe, na zona oeste da cidade. A feira existe desde 1916 (LIMA, 2019, p. 15) e "funcionava como unidade de apoio aos feirantes e comboieiros que antecipavam seus produtos oriundos dos sítios e cidades

Figura 3 - Collage urbana "Ele é meu aliado" com tema da mobilidade urbana. Fonte: A pesquisa, 2023.



Figura 4 - Collage urbana "Tudo em um só lugar..." com tema da feira como lugar de afeto. Fonte: A pesquisa, 2023.

circunvizinhas". Em 1975 foi construído um mercado público com o objetivo de liberar o espaço para a construção do novo Centro Administrativo da capital. Hoje, a feira e o mercado funcionam juntos e são considerados locais de trabalho e sociabilidade tradicionais de diversas famílias há anos. Portanto, o poema e a *collage* (figura 4) "Tudo em um só lugar..." tratam da riqueza e pluralidade desse espaço, resistindo às transformações da cidade ao longo do tempo, mantendo-se local de conhecimento, tradição, memórias e afetos.

Os resultados descrevem e expressam a experiência da feira, os comportamentos e gestos espontâneos, as cores vibrantes das mercadorias, sejam as confecções ou o hortifruti, a convivência entre transeuntes, compradores, feirantes e automóveis. Convivência que proporciona importantes conflitos entre pessoas com diferentes interesses, acentuando as alteridades no espaço a partir das relações sociais existentes e dos afetos gerados.

Tudo em um só lugar...

A feira livre é uma festa só Propagandistas, venda de roupa, calçados e troca Tudo em um só lugar Tudo o que você procurar é fácil achar A rua se transforma sempre no mesmo local Todo final de semana certamente terá Gente, vida, cores, cheiros e caos tudo em um só lugar Gente indo, gente vindo Se espalhando pelas ruas Um

vende outro compra Todos os finais de semana durante anos em um só lugar Ponto de encontro de várias gerações Passando de avô para filho e netos Um lugar cheio de histórias para contar

Errante_Aline Chaves (Fig.4)

Itabaiana (PB)

Itabaiana é um município localizado no agreste paraibano, que fica a uma distância de 60 km da capital, com 96 mil habitantes e foi elevado à categoria de cidade em 1891. Por se tratar de uma cidade que se desenvolveu no século XIX e início do século XX, ainda mantém características desse tempo, a exemplo das diversas casas com características ecléticas, a existência de uma linha férrea chamada de Linha Norte, a qual conectava os estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte para o escoamento da produção de algodão na época, infraestrutura sanitária fruto de reformas urbanas de melhoramento no início do século passado, dentre outros (COTRIM, 1999). Contudo, ao longo dos últimos anos, a cidade começou a apresentar uma série de problemas urbanos decorrentes da falta de planejamento e organização frente às novas demandas da contemporaneidade. É possível observar resíduos sólidos sendo despejados em córregos a céu aberto, lixo acumulado nas ruas e calçadas, além da falta de higiene na tradicional feira que acontece todas às terças feiras, margeando os trilhos desativados que passam no centro da cidade.

Essas questões foram expressas no poema e na *collage* urbana (figura 5) que reúne de forma artística o sentimento vivenciado pelo errante em uma de suas experiências pelo local. O poema "O cheiro da quarta feira" expressa a confusão de odores no entorno da feira livre de Itabaiana que margeia um córrego da cidade. O errante destaca as transformações que a feira provoca na ambiência local, a qual deixa o aroma do local mais ou menos agradável. A estrada de ferro que funciona como um documento histórico da cidade e exalta a importância que o município teve em séculos passados, muitas vezes fica invisibilizada frente à quantidade de lixo e resíduos produzidos no final do expediente da feira.

O cheiro da quarta feira

Olfato estarecido Do suor do trabalho pesado Do miasma do córrego poluído Misturam com o odor nauseante da serralheria E suavizam com o aroma doce das frutas nos dias de terça E na quarta pioram com a decomposição intensa Com a fumaça dos caminhões de entrega E o lixo espalhado ao lado da buodega

Errante_Kainã Carlos (Fig.5)

Já o poema "Herança" trata da cultura local de Itabaiana e traz em destaque do artista Severino Dias de Oliveira, mais conhecido como Sivuca, multi-instrumentista, cantor e compositor Itabaianense. Aqui o errante destaca um outro olhar da feira da cidade, focando no artesanato local que é exposto na principal avenida do Município: Avenida José Silveira. Esta parte da feira é marcada pelo comércio de vasos e demais itens feitos em cerâmica, o que atrai visitantes dos municípios próximos da cidade. A *collage* resultante (figura 06) explicita esses elementos e a capoeira, uma manifestação cultural que marcou a memória e o cotidiano da população da cidade.

Figura 5 - Collage urbana "O cheiro da quarta feira" com tema da sujeira no ambiente urbano. Fonte: A pesquisa, 2022.

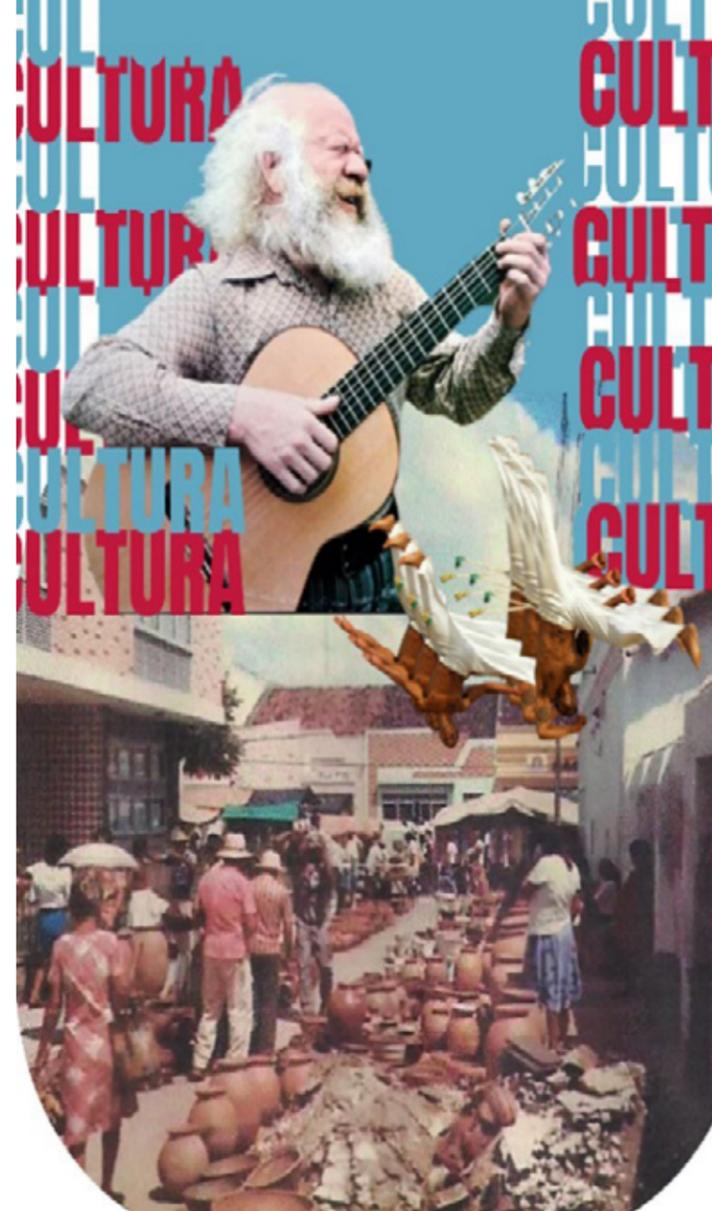


Herança

Dói perder a herança africana
 E deixar apenas na memória
 o som do atabaque
 Migalhas de arte
 E restos de história
 Mas Itabaiana já é arte
 Etimologicamente
 Culturalmente
 Da pedra que dança
 Dos versos do sanfoneiro
 Ainda há a herança
 Na expressão do brasileiro

Errante_Kainã Carlos (Fig.6)

No início do semestre de 2023.1, o errante morador da cidade de Itabaiana conseguiu um estágio na cidade de João Pessoa e acabou se mudando para o bairro do Geisel na zona sul da capital. As mudanças vivenciadas nesse processo de saída de uma cidade de pequeno porte em direção a uma cidade maior causaram uma série de estranhamentos devido às diferenças existentes nos seus ritmos de vida. No poema



"Dia sim e dia sim", o errante fala das dificuldades de locomoção na capital, alegando que na cidade do interior essa questão não se configura como um problema. Os trajetos cotidianos de ônibus em João Pessoa lhe ensinaram como se portar no espaço apertado no transporte coletivo, o que com o tempo se transformou em uma rotina cansativa.

Dia sim e dia sim

Quem sempre morou no interior se surpreende com o cansaço da capital
 Morar no interior é achar 800 metros é muito longe
 Ter que pegar ônibus para fazer tudo é um castigo
 Não estava acostumado com isso
 Dia sim e dia sim é a mesma rotina
 Correr para o ponto mais próximo
 Tomara que ele ainda não tenha passado
 É um alívio quando ele ta chegando
 "bom dia, motorista. Ta cheio hoje"
 Ficar em pé é virar cobaia das leis de Newton
 Já levei repreensões de outros passageiros
 Aprendi a me portar melhor
 Mochila pra frente
 Acabou com minha coluna

Figura 6 - Collage urbana "Herança" com tema da exaltação da cultural de Itabaiana. Fonte: A pesquisa, 2022.



Figura 7 - Collage urbana "Dia sim e dia sim" com tema mudança do interior para a capital. Fonte: A pesquisa, 2023

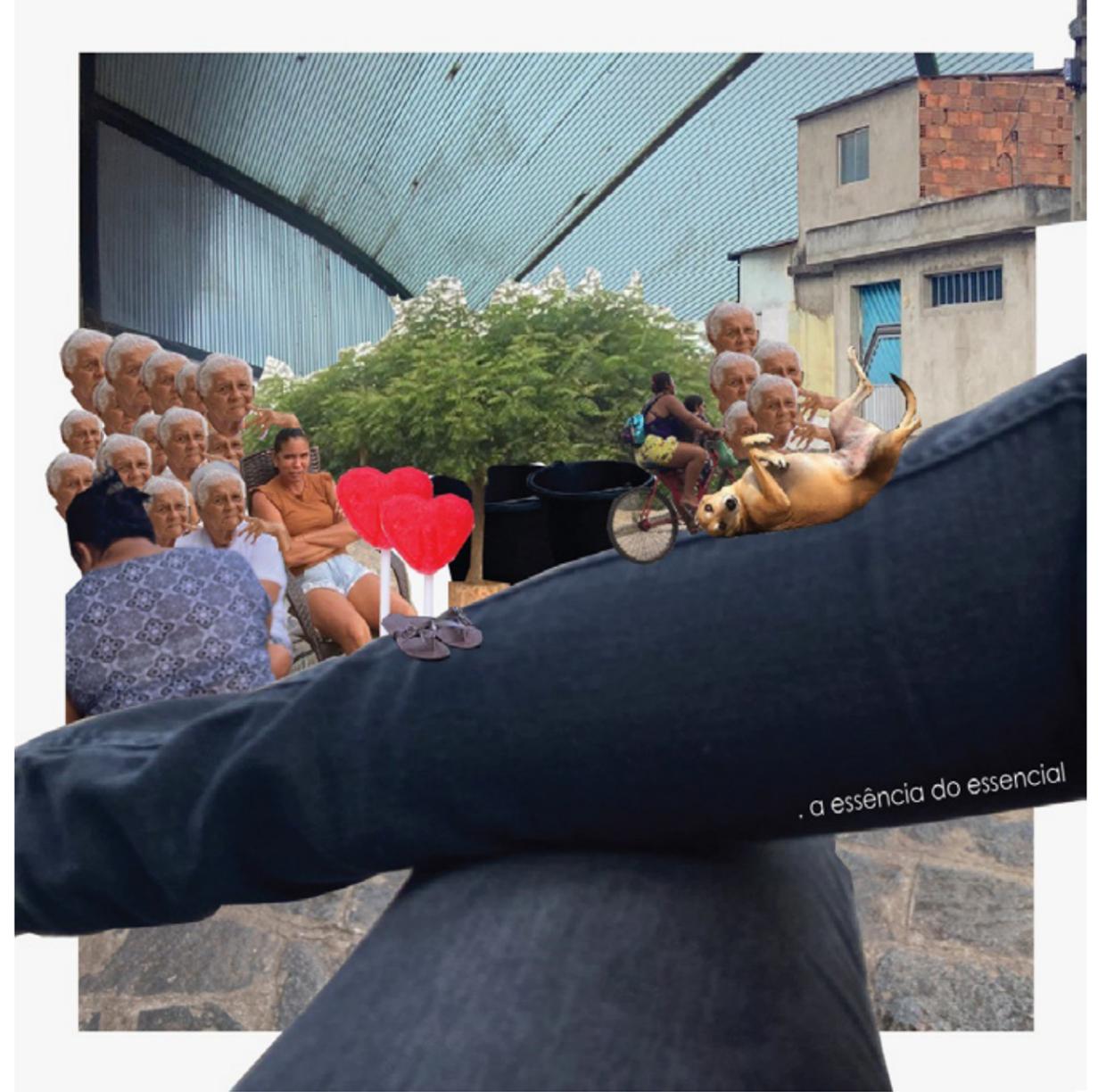
É uma rotina cansativa
 Se sentar é agradecer, se ficar em pé, ter cuidado com a inércia
 Essas situações poderiam ser dia sim e dia não
 Mas na cidade grande o caos é contínuo.

Errante_Kainã Silva (Fig.7)

Mari (PB)

Mari é um município localizado na Zona da Mata paraibana, a 70 km da capital. Foi fundada em 1875 a partir da rede ferroviária de escoamento de matérias primas para o Rio Grande do Norte e Pernambuco. Possui uma média de 22 mil habitantes, portanto se configura como uma cidade pequena onde ainda é possível encontrar formas de trabalho, lazer e circulação que remontam a um momento da história quando o tempo era lento e as atividades envolviam uma maior sociabilidade entre a população.

Essas questões foram expressas no poema e na *collage* urbana (figura 08) "A essência do essencial" que fala do ritmo de vida da desacelerado da cidade do interior, das atividades de contemplação e de ócio possíveis por esse tempo lento tão característico. A errante elogia a calma, as risadas e as atividades banais do dia a dia e afirma que tudo que tem ali é o essencial para uma vida plena. Na *collage*, os sentimentos são



expressos através de alguns elementos chave, característicos do modo de ocupar o espaço e o tempo nesse ritmo específico, além de símbolos afetivos e criam pontes entre memórias da infância e a experiência contemporânea. O tempo lento representado na perna cruzada, em primeiro plano, através da qual a errante observa o desenrolar das atividades, como a conversa de fim de tarde na calçada, com as mulheres de diferentes gerações compartilhando histórias e comentários cotidianos, as sandálias no chão, que são removidas dos pés demonstrando a despreocupação com a passagem do tempo e com formalidades, as fachadas, pessoas que passam e o cachorro são os cenários e personagens da história que se desenrola no ato de se observar, e os pirulitos, que remetem aos doces da infância vivida naquele mesmo espaço, naquele mesmo ritmo.

A essência do essencial

As risadas trazidas no vento
 Histórias contadas remontando sentimentos
 As motos em velocidades mais ou menos
 Outras que aceleram com um certo agravamento,
 Jovens senhoras varrendo a frente da casa
 Observando todos que passam,
 Mães em bicicletas
 com seus afazeres cotidianos,

Figura 8 - Collage urbana "Dia sim e dia sim" com tema mudança do interior para a capital. Fonte: A pesquisa, 2023.



Figura 9 - Collage urbana "Vida em movimento" com tema do ir e vir do interior para a capital. Fonte: A pesquisa, 2022.

Filhos nos esquadros ou bagageiros brincando,
 Observando, criando afetividades
 Com o meio urbano, que também há
 Essência rural, onde já se viu?
 Tanto boi, tanto animal?
 A cidade que tem espaços para todos
 Até para o cachorro que parou para descansar
 Em frente ao bar, que vende tudo
 Onde Mainha pede para eu comprar
 Sovertes, comidas e guloseimas
 Para o laço firmar,
 Tudo acontecendo na calçada
 Unhas sendo feitas, conversas em alta
 Me sinto parte da cidade e
 Sinto a cidade meu lar

Errante_Maria Eloaynne Oliveira (Fig.8)

Por fim, a errante atenta para a vida em constante movimento e relata no poema "Ser um único em um único movimento" dos trajetos diários de 3h no ônibus da prefeitura para a faculdade em busca do diploma de arquitetura e urbanismo. Trata da esperança

de conseguir uma vida melhor sem perder o contato e as raízes com a sua cidade. Na *collage* (Figura 09), o cenário, estático, se apresenta como uma âncora, uma referência física daquilo que permanece, em certa medida, imutável e estabelece as referências de identidade, seja no casario singelo e colorido, seja na igreja da paróquia local.

Os outros elementos que compõem a cena, apresentam-se borrados, como que em movimento, expressando a ideia central contida no poema de que o "para ocupar, para viver, para desfrutar" há de se movimentar. O movimento aparece aqui em diversas velocidades, a do ônibus que transporta os estudantes entre os municípios, a do caminhão que serve aos interesses do mercado, o movimento do trabalhador apressado, na moto, o caminhar determinado da estudante e o devaneio despreocupado do transeunte.

Ser um único em um único movimento

Transições, sentimentos Liberdade, espacialidades Sensações de se viver a cidade Acolhimento, pertencimento Não desmembramento Ser um único em um único movimento Para ocupar, para viver, para desfrutar Para aprimorar, para crescer, Para sentir com o tato a terra, Para sentar-se em comunicação Para não esquecer o peso que Se carrega em um recinto Resignificado, para não desviar O olhar para o lado sem tocar Com o tato o chão.

Errante_Maria Eloaynne Oliveira (Fig.9)

Considerações finais

Este trabalho se propôs a relatar uma aproximação exploratória da experiência urbana de estudantes de arquitetura e urbanismo em João Pessoa, Itabaiana e Mari. O uso do poema e da *collage* se mostraram como poderosas ferramentas de experimentação do espaço urbano, auxiliando nas formas de representar sentimentos e sensações vividas nas caminhadas e vivências pela cidade. Além disso, ajudam a aprofundar, por meio de uma produção artística, noções de pertencimento ao lugar e de valorização da cultura local, além de sintetizar de formas não ortodoxas os problemas das cidades contemporâneas investigados pelos estudiosos na área. O uso dessas ferramentas, de fora do vocabulário acadêmico convencional, cria possibilidades de um diálogo mais amplo, sendo um dos caminhos para diminuir a distância entre academia e comunidade por ser uma forma de comunicação mais palatável do que o discurso formal e as peças gráficas, geralmente abstratas, como plantas e mapas, empregadas por arquitetos e urbanistas e que alienam aqueles não familiarizados com essas representações.

Estas experiências apresentadas servem para alertar sobre os impactos produzidos pelas formas de planejar e ordenar o espaço urbano sobre as populações e vivências nas cidades, bem como novos modos de pensar a formação do arquiteto e urbanista. A ambição da pesquisa é integrar seus resultados na grade curricular do curso da Arquitetura e Urbanismo, levando as reflexões para disciplinas propositivas de projeto de edificações e de planejamento urbano, procurando preparar profissionais mais sensíveis às experiências das pessoas na cidade contemporânea.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOTTON, Alain de. *Arquitetura da Felicidade*, Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- CALDEIRA, Tereza P. do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2000.
- CERTEAU, Michel. Caminhadas pela Cidade. In: *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- COHEN, Renato. *Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- COTRIM, Gilberto. *História e consciência do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FERNANDES, Rodrigo; FERNANDES, Ulisses. A Sociedade do Espetáculo e a cidade contemporânea: apontamentos para uma leitura geográfica de Guy Debord. *Revista emetropolis*, nº 42, ano 11, 2020. Disponível em: http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/329/original/emetropolis42_art4.pdf?1604531494
- FIORIN, Evandro. Nômades: as práticas errantes no ensino, na pesquisa e na extensão em arquitetura e urbanismo – Por um (re)conhecimento urbano. *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, v. 20, p. 203-222, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/160287>
- FORNECK, Vanessa; FERREIRA, Lais; ROCHA, Eduardo; BAUMBACH, Flávio; MACHADO, Valentina; RAMIRES, Bianca. A produção de mapas cartográficos com relação à ética na fronteira Brasil-Uruguay. *PIXO - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade*, v. 2, p. 142-153, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/1538>
- FUÃO, Fernando Freitas. *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- GOMES, Rosany; MEDEIROS, Wendson. Percepção da poluição visual no centro urbano de Mossoró/RN. *Revista Geotemas*, v. 9, n. 1, p. 49-69, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33237/geotemas.v9i1.3290>
- GOMES, Sofia; BARBOSA, Maria Regina; QUIRINO, Zelma. Inventário Arbóreo das vias públicas do Centro de João Pessoa, Paraíba. *Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais*, v. 10, n. 1, p. 351-362, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.6008/cbpc2179-6858.2019.001.0029>
- GONÇALVES, G. R. Do urbanismo unitário à crítica ao urbanismo: um percurso sobre a cidade e o urbano na Internacional Situacionista. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 21, n. 2, p. 518-530, agosto. 2017. ISSN 2179-0892. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/117516>>. doi: 10.11606/issn.2179-0892. geosp.2017.117516.
- JACOBS, Allan. *Great Streets*. Boston: The MIT Press, 1995.
- JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização urbana contemporânea. In: *Cadernos PPGAU/UFBA, Territórios urbanos e Políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, 2004.
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: JEUDY, Henri Pierre; Jacques, Paola Berenstein (Org.). *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, 2006.
- JACQUES, Paola Berenstein. Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In: BRITTO, Fabiana Dultra; Jacques, Paola Berenstein (Org.). *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LIMA, Phillipe. *Mercado público de Jaguaribe: uma proposta de requalificação arquitetônica considerando as características da feira livre*. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Arquitetura, Projeto e Meio Ambiente) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- MAGALHÃES, Felipe. O espaço do Estado no neoliberalismo: elementos para uma redefinição crítica. *GEOgraphia*, v. 18, n. 37, p. 35-60, 2016.
- ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Collage City*. Massachusetts: MIT Press, 1984.
- SANTOS, Carlos Nelson F. Dos. *Quando a rua vira casa*. São Paulo: ed. Projeto, 1985.
- SCOCUGLIA, Jovanka B. Cavalcanti. Espaços públicos e urbanidades: refletindo acerca da renovação epistêmica nos estudos sobre as cidades contemporâneas. In: *Anais I Enanparq*. Rio de Janeiro, 2010.
- SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida mental. In: *O Fenômeno Urbano*. Zahar editos, Rio de Janeiro. 1967.
- VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. *Aprendendo com Las Vegas*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.